

Jornal do Professor

Adufg
SINDICATO

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS - ANO VII - Nº 57 - JUNHO DE 2019

EDITORIAL

Contra o obscurantismo

Entramos no mês de junho com um cenário político muito diferente daquele do início de maio. Seguido ao Dia do Trabalhador, foram anunciados cortes amplos em todos os setores da Educação, somados a uma intensificação à perseguição intelectual nas instituições federais de ensino superior. Porém, a reação foi imediata e no dia 15 o Tsunami da Educação mostrou que os professores e estudantes brasileiros não vão abrir mão tão facilmente do ensino público, gratuito e de qualidade. Em Goiás, pelo menos 50 mil pessoas participaram dos protestos e o registro do ato marca as páginas centrais desta edição. Neste mês, o Jornal do Professor destaca principalmente o valor da Educação, tanto em seus artigos quanto nas suas reportagens. Trazemos matéria sobre o Cepae, que teve um índice de aprovação recorde no Enem deste ano. Falamos também sobre o projeto Ensinando para Aprender, idealizado por Emiliano Godoi, que leva aulas para os jovens internados no Araújo Jorge e que, por isso, perdem muitas aulas no colégio. Conversamos com a professora Erika Aparecida da Silveira, da Medicina, que este ano ministra para os pós-graduandos a disciplina “Felicidade”, sobre a importância de cuidar e preservar a saúde mental da população universitária. Por fim, trazemos na nossa trajetória o professor Sebastião Rios, da Antropologia, que pesquisa há anos a Folia de Reis e outras manifestações de cultura popular após se envolver com elas ainda criança. Boa leitura!

Redação: (62) 3202-1280

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

MANIFESTAÇÃO

Populares vão às ruas para protestarem contra os cortes na Educação



Foto: Jean Souza

OLHA A ONDA

Cerca de 25 mil pessoas de Goiânia e outras milhares pelo Brasil foram às ruas contra os cortes na Educação

Páginas 8 e 9

TRAJETÓRIA:

Uma vocação desde a infância: Sebastião Rios conheceu a Folia de Reis ainda criança, uma paixão que levou para a vida

Página 16



Foto: Luciana Porto

PESQUISA

Nova Farmatec: centro de pesquisa de ponta terá nova sede no Parque Tecnológico

Página 11

TRADIÇÃO

Conversamos com o pesquisador Samuel Zaratim sobre quadrilhas juninas

Página 7

SAÚDE

Projeto Ensinando para Aprender repõe aulas de alunos internados no Hospital Araújo Jorge

Página 7

FELICIDADE

Pesquisa desenvolvida na pós-graduação em Ciências da Saúde busca prevenir depressão em mestrandos e doutorandos

Página 12

prestação de contas		
Fevereiro de 2019		
1	Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros	
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	351.930,52
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	0,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.490,92
1.4	Receitas Financeiras	19.892,79
1.5	Outras Receitas	1.899,43
1.6	Resgate de aplicações financeiras	8.168,09
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	24,89
Total R\$		383.356,86
2	Custos e Despesas Operacionais	
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	74.258,85
2.1.2	Encargos Sociais	32.785,79
2.1.3	Seguro de Vida	765,32
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	2.713,31
2.1.5	Ginástica Laboral	650,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	4.636,43
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	792,49
Total R\$		116.602,19
2.2	Serviços Prestados por Terceiros	
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.078,97
2.2.2	Despesas com Correios	518,61
2.2.3	Energia Elétrica	4.414,08
2.2.4	Honorários Advocatícios	10.000,00
2.2.5	Honorários Contábeis	3.942,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	400,00
2.2.7	Serviços Gráficos	0,00
2.2.8	Honorários de Auditoria	0,00
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	3.448,26
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	1.149,07
2.2.11	Vigilância e Segurança	437,00
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	0,00
2.2.13	Serviços de Informática	2.520,00
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	12.190,00
2.2.15	Água e Esgoto	394,81
Total R\$		41.492,80
2.3	Despesas Gerais	
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	3.541,48
2.3.2	Despesas com Táxi	176,14
2.3.3	Despesas com Coral	206,86
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	458,51
2.3.5	Diárias de Viagens	10.844,25
2.3.6	Tarifas Bancárias	652,28
2.3.7	Lanches e Refeições	521,65
2.3.8	Quintart	0,00
2.3.9	Patrocínios e Doações	13.765,86
2.3.10	Manutenção de Veículos	370,00
2.3.11	Festa do Professor	0,00
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	724,19
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	2.181,28
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campestre	9.270,58
2.3.16	Hospedagens Hotéis	2.476,20
2.3.17	Material de expediente	444,90
2.3.18	Outras despesas diversas	1.765,38
2.3.19	Manutenção e Conservação	5.198,20
2.3.20	Homenagens e Condecorações	0,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	6.516,26
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	1.626,69
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	453,76
2.3.24	Sabadart/Festa do Professor Jataí	0,00
2.3.25	Evento “Mais Sindicato” - Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Manifestações	0,00
2.3.27	Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	0,00
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	978,00
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	0,00
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	0,00
Total R\$		62.191,25
2.4	Despesas Tributárias	
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	2.354,10
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	2.240,29
Total R\$		4.594,39
2.5	Repasso Fundo Social e Contribuições	
2.5.1	Repasso para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	27.553,59
Total R\$		27.553,59
Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$		252.434,22
3	Resultado do exercício 02.2019 (1-2)	
		130.922,64
4	Atividades de Investimentos	
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	0,00
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	7.577,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	0,00
4.1.5	Computadores e Periféricos	1.653,00
4.1.6	Outras Imobilizações	2.348,10
Total R\$		11.578,10
4.2	Intangível	
4.2.1	Programas de Computador	2.254,58
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
Total R\$		2.254,58
4.3	Aplicações Financeiras	
4.3.1	Aplicação CDB	478.737,59
Total R\$		478.737,59
Total Geral dos Investimentos R\$		492.570,27
5	Resultado Geral do exercício 02.2019 (3-4)	
		-361.647,63

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.



INFORME JURÍDICO

ADUFG é a primeira entidade a formular pedido de intervenção na ADI 6.127 como amicus curiae

No dia 23 de maio protocolamos nosso pedido de intervenção, na qualidade de amicus curiae na ADI 6.127 que fora protocolada pelo PDT e busca ver reconhecida a inconstitucionalidade do decreto nº 9.741/2019 – publicado no dia 29.03.2019, com eficácia erga omnes e efeito vinculante em relação à Administração Pública e ao Poder Judiciário, e, conseqüentemente, a sua extirpação do ordenamento jurídico pátrio em razão de incidir em clara e inarredável ofensa aos artigos 5º, caput, e inciso LV, 206, 207 E 208, todos da Constituição Federal de 1988

O referido decreto nº 9.741/2019 bloqueou, de uma só vez, 30% do orçamento geral dos Institutos e das Universidades Federais e, como muito bem lançado pelo proponente da ADI nº 6.127, é fato que o decreto “ostenta nítida função autônoma porque incide de forma direta contra a Constituição Federal. Atente-se que o ato ora impugnado não gera uma ilegalidade por exorbitar da regulamentação da Lei de Responsabilidade Fiscal (LC nº 101/2000), mas ao exorbitar o campo normativo da LRF, o Decreto nº 9.741/2019 promove acintes diretos aos direitos constitucionais mencionados nesta Ação Direta de Inconstitucionalidade”.

Diante deste contexto, o ADUFG-Sindicato fora a primeira entidade a requerer sua intervenção visando colaborar com o debate técnico a ser realizado no processo. Para o Assessor Jurídico do Sindicato, Elias Menta, “A intervenção na ADI é fundamental para que possamos levar a mais alta Corte do nosso sistema jurídico nacional as razões dos sindicalizados, que já experimentam o sofrimento causado pela escassez dos recursos que tem impacto direto na produção de tecnologia, ensino, pesquisa e extensão, que são as marcas indelévels das Universidades, que impulsionam a ciência e tecnologia no País”.

Atenciosamente,

Elias Menta Macedo.



19ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das
Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Diretor Presidente

Walmirton Tadeu D’ Alessandro
Diretor Vice-Presidente
e de Comunicação

Veridiana Maria Brianezi D. de Moura
Diretora-Secretária

Daniel Christino
Diretor de Promoções Sociais,
Culturais e Científicas

João Batista de Deus
Diretor Administrativo

Geovana Reis
Diretora de Assuntos Educacionais,
de Carreira e do Magistério Superior

Thyago Carvalho Marques
Diretor Financeiro

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora de Convênios e de
Assuntos Jurídicos

Abraão Garcia Gomes
Diretor de Assuntos de
Aposentadoria e Pensão

Luis Antônio Serrão Contim
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VI – Nº 57

JUNHO de 2019

Professor Juarez Ferraz de Maia
Idealizador do projeto

Cleomar Nogueira
Projeto gráfico original

Monique Arruda (JP 2290 GO)
Editor responsável

José Abrão (JP 3331 GO)
Edição e reportagem

Luciana Porto (JP 3175 GO)
Reportagem

Guilherme Fernandes
Jean Souza
Estagiários

Diagramação: Thamires Vieira

Data de fechamento: 03/06/2019

Tiragem: 3.000 exemplares

Impressão: Stylo Gráfica

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

Acompanhe nossas redes sociais:
@adufgsindicato

www.adufg.org.br



Divina Eterna
Vieira Marques *

A letargia acabou

“O preço a pagar pela tua não participação na política é ser governado por quem é inferior”.(Platão)

Assistimos, todos impactados ou apáticos, a eleição do presidente Jair Bolsonaro. Ainda no primeiro turno, pouca gente além de seus eleitores o julgava capaz de ser votado pela maioria. Cruzamos os braços, nada fizemos contra a possibilidade de ter, um presidente que nunca foi nem um bom deputado. E até o início do governo permanecemos na expectativa de, quem sabe, uma boa equipe, boas escolhas, nos impedissem de dizer: “bem que eu avisei”.

No entanto, nada houve que o eximisse das expectativas nihilistas, das críticas, das contrariedades diante de cada novo gesto, nova medida anunciada. Alguns se dizem felizes com a extinção do horário de verão. Eu, pessoalmente, já estava acostumada com ele. Mais do que as medidas anunciadas, o que faz estremecer as pessoas de intelectualidade mediana são as suas declarações, a banalidade do seu discurso, sua infantilidade em não imaginar os efeitos catastróficos do que ele diz, sua indiferença diante do “outro”, sua falta de inteligência e sua inconsequência num discurso que não pode ser o posicionamento de um presidente da República.

Alguns achavam que Moro seria um nome de peso na equipe, no cumprimento da Justiça. Ele deixou a desejar até mesmo para seus admiradores e até hoje não fez a diferença, nem ao menos se faz ouvir pelo presidente ou – o que é pior – talvez faça coro a ele. O que dizer do Ministro da Economia? Paulo Guedes ainda não meteu os pés pelas mãos, não como os outros. Talvez devesse ser sabatinado pela Deputada Tabata Amaral. O atual ministro da Educação não sabe nem fazer contas, não sabe nem o verdadeiro conceito de EDUCAÇÃO. O ministro do Meio Ambiente está trabalhando contra a fauna, a flora, a água, os índios, a Terra. Será que ele sabe que Meio Ambiente é tudo o que nos cerca? E que o Ministério foi criado (não nesse Governo) para proteger o Meio Ambiente?

A ministra Damares parece querer reviver a TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Família, tradição e propriedade, criada na década de 60 objetivando combater as ideias maçônicas, socialistas e comunistas. O deputado federal Luiz Philippe De Orleans e Bragança (PSL-SP), aquele que disse recentemente que “escravidão é aspecto da natureza humana”, além de ser descendente da família imperial, é também descendente de membros destacados da TFP. Ao que tudo indica – e a julgar pelas suas ideias - o presidente também se inspira nos preceitos da TFP.

Um presidente que prefere não falar com a mídia, que desacata jornalistas, mulheres, gays, negros, índios, que induz crianças a pegar em armas, ministros que vão e vem e não dizem a que vieram. A gente sabia disso – pelo menos quem não votou nele. Mas, mesmo quem sabia e mesmo quem votou nele levou um susto quando o presidente resolveu castigar a educação que ele não conheceu profundamente. Um momento. O presidente não é mestre? Sim, mestre em saltos pela Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro. Não sei se isso é um atributo útil a quem ocupa o cargo máximo de uma nação.

Então, a gente levou um susto quando ele minimizou a importância da filosofia, das ciências sociais, das ciências humanas. Dizer que seu “filósofo” era Olavo de Carvalho, já era um prenúncio. Provavelmente nem Olavo de Carvalho colocou na sua cabeçaira filósofos da antiguidade como Sócrates, Platão, Aristóteles. Uma pena porque ele poderia ter orientado seu discípulo quanto à governabilidade ser calcada no BEM, no bem do país, no

bem de todos. Podia, quem sabe, ter conversado com ele sobre as virtudes em Aristóteles, a realização plena do SER e o quanto a Educação é importante em todo esse processo.

A realidade tomou proporções históricas quando foi anunciado o corte de 30% para as universidades públicas. Eram apenas três as universidades que, na concepção do presidente, praticavam “balbúrdia”. Na Universidade Federal de Goiás, por exemplo, se pratica muita balbúrdia. São três mil artigos publicados nas principais revistas científicas do mundo. A UFG oferece 75 cursos de mestrado e 46 de doutorado. São mais de 30 mil alunos matriculados em 156 cursos de graduação, 80% deles de baixa renda. A gente tem muito orgulho da balbúrdia que praticamos aqui.

E isto acontece no Brasil inteiro, inclusive no nordeste, lá onde se disse que os eleitores não sabem votar, porque não votaram em Bolsonaro.

A Universidade Federal do Piauí, só para citar um exemplo, trouxe de Praga, República Tcheca, em 2018, a medalha de ouro, prata e bronze conquistadas na 50ª Olimpíada Internacional de Química. No final de 2017, alunos da Unesp, Araraquara, SP, ganharam medalha de ouro do MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, com pesquisa para tratamento de diabetes, com transformação genética de bactérias para criação de insulina. A estudante gaúcha Juliana Estradioto, egressa do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, conquistou agora em maio o primeiro lugar na maior feira de ciências do mundo: a Intel Internacional Science and Engineering Fair (Intel Isef). E esses são apenas alguns exemplos.

É muita balbúrdia, com a qual Bolsonaro não está acostumado porque não tem experiência com uma instituição dessa natureza.

Algumas palavras têm muita força, principalmente quando se caracterizam como heresia. Chamar de balbúrdia aquilo que se faz com dedicação, sacrifício e apreço dentro das instituições públicas de ensino, chamar de idiotas os estudantes que representam o futuro deste País foi o erro mais útil que o presidente poderia ter cometido. Anunciar o corte de 30% no orçamento das Universidades Públicas Federais foi a provocação mais oportuna para o início de uma reação que esperamos seja progressiva para esses e outros desaforos que os brasileiros não merecem.

E então, todos se uniram no dia 15 de maio: universidades, institutos federais, instituições particulares de ensino. Mais de 20 mil pessoas coloriram a Av. Universitária, preenchendo o percurso que vai da Praça Universitária até a Praça Cívica. Palavras de ordem, bandeiras, liberdade de poder dizer o que precisa ser dito, liberdade para contestar, liberdade para pedir respeito porque o Brasil é dos brasileiros. Liberdade para poder continuar dizendo. Os estudantes estão de novo nas ruas, a comunidade universitária – tomara que todas as outras também – todos, juntos, vão provar a este governo que nós pensamos, elaboramos argumentos, fazemos questionamentos – isto se chama filosofia – que nós nos reunimos, dialogamos – isto está enquadrado nas ciências humanas. E que nós, o povo, é que somos a razão maior de um governo.

**Divina Marques é jornalista, mestra em Filosofia, doutora em Ciências Ambientais. Professora de Ética e Sustentabilidade no curso de Relações Públicas.*



Andréa Pereira dos Santos*

PARA CADA LEITURA SEU LEITOR

De uma coisa todos nós temos certeza: as práticas de leitura são fundamentais para a aprendizagem, conhecimento e lazer seja na infância, adolescência, juventude e idade adulta. Nesse sentido, os contextos social, cultural e intelectual são essenciais para definir os tipos ou gêneros de leitura importantes ou com linguagem acessível para cada um. Vamos analisar essa afirmativa partindo de uma premissa ideal onde as pessoas, de uma maneira geral, teriam acesso ao livro de alguma forma: seja ela comprada, alugada ou emprestada de uma determinada biblioteca.

Pensando nessa perspectiva, podemos afirmar, por exemplo, que é difícil uma criança não se encantar por aqueles belíssimos livros infantis cheios de ilustrações as quais aguçam a imaginação e acima de tudo promovem a aprendizagem de uma forma lúdica e prazerosa. É dado a essa criança o tipo de livro que realmente faça sentido a ela. Claro que há um ou outro livro que pode chamar atenção de uma criança e não interessar a outra. Mas de maneira geral a literatura infantil é encantadora. E esse encanto, segue até por volta da pré-adolescência, principalmente com livros de aventura.

Chegando na adolescência e juventude apresenta-lhes os grandes clássicos da literatura os quais, muitas vezes, não têm boa receptividade; mas se lhes apresentamos livros como aqueles escritos por youtubers e a Saga Crepúsculo, por exemplo, a vontade e curiosidade de ler se tornam mais latentes. Por que será esse desinteresse pelos clássicos e essa abertura para esse outro tipo de literatura? A resposta ao meu ver pode vir de duas formas: o contexto e a forma pela qual os clássicos são apresentados.

Dentro da perspectiva do contexto, Lígia Maria Moreira Dumont, professora da Escola de Ciência da Informação de Belo Horizonte, dirá que nosso interesse à leitura está ligado ao nosso contexto de vida. O texto dos youtubers e os romances da Saga Crepúsculos podem então estar mais próximos ao contexto de vida dos adolescentes e jovens. Quanto à forma de apresentação dos clássicos, por mais belo que seja o enredo e a história a linguagem pode não ser acessível a esse público. Outro ponto é uma pré-interpretação que se deva dar a determinado texto clássico. Ao dizer que se tenha essa e não essa interpretação, tira-se do jovem o que antes a literatura infantil lhe permitia: o extrapolar da imaginação.

Assim, esse jovem é chamado de não leitor, pois segundo Márcia Abreu, professora da Universidade de Campinas, ele não lê e não gosta do tipo de leitura que é apresentada pela escola e as outras leituras praticadas são não leituras. Roger Chartier, principal estudioso das práticas de leitura e professor do Collège de France, ao ser questionado sobre ausência de leitura em jovens franceses na década de 1990 (livro: A aventura do livro: do leitor ao navegador), afirma que os jovens leem, mas essa leitura não é a mesma considerada e aprovada pelos cânones escolares. Para ele, precisamos lançar mão dessas leituras para que os jovens possam chegar a leituras mais complexas.

Completemos nosso raciocínio chamando a atenção para outros suportes de leitura que têm feito parte do repertório de jovens, crianças,

adolescentes e até adultos: a leitura do texto digital, seja em redes sociais ou quaisquer outros sites da internet. Apesar de definir a leitura apenas aqueles que leram, nos últimos três meses, um livro ou parte dele, a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2015, revelou dados interessantes sobre o acesso à leitura por meio de outras plataformas. Roger Chartier, ao criticar o conceito de leitura apresentado pela pesquisa, dirá que com tantos outros suportes de leitura não se pode considerar leitor apenas quem lê livros.

Nesse sentido, não estamos fazendo aqui uma crítica aos clássicos, já que estes são fundamentais para nossa formação enquanto leitor. Mas precisamos refletir a forma como estamos trabalhando a mediação da leitura em especial do adolescente e do jovem. Isso significa apresentar sim os clássicos possibilitando a interpretação pessoal e não a imposição de análises prontas e dando a esse leitor a liberdade na busca por outras leituras.

Entretanto, longe dessa premissa ideal, temos outro problema: a ausência de espaços formais e informais de leitura em especial as bibliotecas escolares e públicas. As bibliotecas, mesmo diante de um mundo digital, são fundamentais não só por conta das possibilidades dadas ainda pelo livro impresso, mas, acima de tudo, elas são espaços de sociabilidade que permitem a troca de ideias, o compartilhamento de leituras e o debate, promovendo ainda o encontro com o outro.

Sem esses espaços formais, fica comprometida, inclusive, a leitura nos espaços informais como as residências, por exemplo. Nem todos os pais ou mães têm condições financeiras de comprar livros por ainda ser um item muito caro para nossa sociedade. E o lar é espaço fundamental para início das práticas de leitura já que ela deve ocorrer desde a tenra infância.

Esses são alguns dos debates que vem sendo discutidos ao longo dos anos no Café com Leitura e Seminário de Leitura, Espaço e Sujeito, eventos organizados pela Faculdade de Informação e Comunicação – FIC e Instituto de Estudos Socioambientais – IESA. Esse ano o Café com Leitura e o Seminário de Leitura, Espaço e Sujeito, em sua décima e quinta edição, respectivamente, vem discutir leitura nas suas mais variadas formas, formatos e conceitos.

O tema central desse ano será “Leituras de Mundo” mas os grupos de trabalhos, divididos em 8 grupos vão discutir também: ESPAÇO E LEITURA; LETRAMENTO E COMPORTAMENTO INFORMACIONAL; LEITURA(S) FRAGMENTADAS E PRECONCEITOS EM LEITURA; LEITURAS DE MUNDO PELO VIÉS LITERÁRIO; HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE LEITURA E DOS REGISTROS DO CONHECIMENTO; INTERFACES DA LEITURA; LEITURA: IMAGEM E IMAGINÁRIO; BIBLIOTECAS ESCOLARES. O evento ocorre entre os dias 27 e 28 de Junho de 2019 e já está com inscrições abertas pelo site www.cafecomleitura.fic.ufg.br

**Andréa Pereira dos Santos é Bibliotecária e professora do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, organizadora e uma das idealizadoras do Café com Leitura e do Seminário de Leitura, Espaço e Sujeito.*

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões jurídicas sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

Mayaro

O grupo de pesquisa da UFG sobre o Zika vírus divulgou nota técnica de que os achados do Projeto Quantizika Humano apontam para uma possível urbanização da febre Mayaro na região de Goiânia. Entretanto, estudos complementares são necessários para se estabelecer se existem áreas com maior circulação desse vírus. A febre foi identificada recentemente por pesquisadores da UFRJ.

Intolerantes

Após o anúncio do corte de 30% no orçamento das universidades federais, o ministro da Educação, Abraham Weintraub foi ao Twitter chamar os reitores de intolerantes. “Para quem conhece Universidades Federais, perguntar sobre tolerância ou pluralidade aos reitores (ditos) de esquerda faz tanto sentido quanto pedir sugestões sobre doces a diabéticos”, escreveu.

10 crianças

O ministro também declarou que “para cada aluno de graduação que eu coloco na faculdade, eu poderia trazer dez crianças para uma creche. Crianças que geralmente são mais humildes, mais pobres, mais carentes, e que, hoje, não têm creches para elas”. O ministro, porém não citou a fonte de seus dados, que contradizem os relatórios de 2017 do Inep.

Saída

Aliás, o delegado Elmer Vicenzi é o segundo presidente do Inep a deixar o cargo. Desta vez, a saída foi causada por divergências com a Procuradoria do órgão quanto à transparência dos dados. Vicenzi defendia, com apoio de Weintraub, um parecer técnico que liberasse os dados pessoais de estudantes do ensino básico e superior.

Sigilo

Atualmente, o Inep coleta as informações pessoais de estudantes junto a secretarias de Educação e instituições de ensino superior para produção de estatísticas oficiais, tal como o Censo educacional. Estes dados são protegidos por sigilo. A atual gestão do MEC discorda disso.

Encolhido

Com os cortes, a verba livre das universidades federais retrocedeu em uma década, aponta levantamento feito pela Folha. O contingenciamento será de mais de R\$ 5 bi, o que joga o orçamento de custeio em 2009. O problema é que o ensino superior cresceu muito de lá pra cá: ao invés de 54, hoje são 68 as instituições que recebem estes recursos cujo orçamento saltou de R\$ 22,8 bi em 2009 para R\$ 38,1 bi.

Sobe

Quem assume a presidência do Inep é Alexandre Lopes, engenheiro químico graduado pela UFRJ e bacharel em Direito pela UnB. Lopes vem da Casa Civil, onde trabalhou diretamente com Weintraub quando o ministro ainda era o número dois da pasta de Onyx Lorenzoni. Ele é servidor público como analista de Comércio Exterior desde 1999.

Patrocínio

Museu do Ipiranga conseguiu 10 novos patrocinadores somando um total de 13 empresas que irão financiar as obras de restauração do museu. O valor do investimento será de R\$ 160 milhões. O anúncio foi feito por João Dória, no Palácio dos Bandeirantes. A iniciativa de buscar financiamento de empresas privadas veio após o incêndio catastrófico do Museu Nacional, que botou a administração do Ipiranga em alerta.

BALBÚRDIA

Durante audiência pública realizada na Câmara dos Deputados com a participação do ministro da Educação, Abraham Weintraub, o deputado federal goiano Delegado Waldir (PSL) fez parte do tumulto dos parlamentares que não deixaram os representantes estudantis da UNE e da UBES fazerem perguntas ao ministro. Filmado pelo presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva, o deputado delegado chama os alunos de maconheiros e petistas. O vídeo viralizou e repercutiu no Twitter. Em entrevista a outros veículos de comunicação, o Waldir reiterou: “são maconheiros sim”.

Cerveja

Foi realizado entre os dias 20 e 22 de maio o Pint of Science Brasil. O evento popular de divulgação científica leva ciência para o bar e para o público leigo. Este ano, Goiânia recebeu o evento no Quiosque Brahma da T-3, no Setor Bueno, e no Steak In, na Ricardo Paranhos. Os temas variaram de pós-verdade e jornalismo à genética e video games.

Atlas

O IESA divulgou o “Pequeno Atlas da Tragédia Previdenciária Brasileira”, elaborado pelos pesquisadores Tadeu Alencar Arrais e Juheina Lacerda Viana. O estudo faz uma análise profunda sobre a cobertura social do atual modelo de previdenciário brasileiro, chegando à conclusão de que, se a Reforma da Previdência como prevista for aprovada, o índice de pobreza deve aumentar entre os idosos. O arquivo está disponível para download no site do Adufg-Sindicato.

Frente

Representantes da Frente em Defesa da Valorização dos Institutos Federais se reuniram com o reitor e vice-reitora da UFG, Edward Madureira, Sandramara Matias Chaves, representantes do IFG, IFGoiano, comunidade acadêmica e presidentes das instituições sindicais. Composta por parlamentares da bancada goiana, os deputados federais Rubens Otoni (PT), Flávia Moraes (PDT), Elias Vaz (PSB), José Nelto (Podemos) e Adriano Avelar (PP) garantiram que lutarão para que não haja os cortes anunciados pelo governo Bolsonaro na Educação.

Deputados

“Nossa presença é para vocês terem, em nós, instrumentos de articulação na organização da defesa da universidade e dos institutos federais”, disse Rubens Otoni. Por sua vez, o deputado Adriano Baldy apontou a disposição da bancada de Goiás em contribuir com as negociações junto ao MEC. “Vamos negociar. Busquemos o diálogo para que quem possa ganhar seja a população brasileira”. A coordenadora da bancada goiana no Congresso Nacional, Flávia Moraes, garantiu seu apoio. “Esse corte é terrível. Vai ficar insustentável o funcionamento das universidades. Estão todos temerosos. Nosso receio maior é que não haja mais universidade pública e os alunos terão que pagar mensalidades se quiserem estudar. Estaremos juntos para reverter este cenário. Essa causa é suprapartidária. Vamos traçar estratégias junto aos reitores e estamos à disposição para essa luta”, garantiu.

É Brasil

A estudante Juliana Davoglio Estradioto, de 18 anos, conquistou o primeiro lugar em uma das premiações da International Science and Engineering Fair, em Phoenix (EUA). Ela venceu na categoria de ciências materiais e envolve o processamento dos resíduos de macadâmia que podem ser usados como biotecido para embalagens e curativos. Ao vencer, ela subiu ao pódio gritando “é Brasil!”. O trabalho foi desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Enem

Em nota publicada pelo MEC, a primeira atitude de Lopes foi garantir que o cronograma do Enem será mantido. Mais de 6 milhões de pessoas se inscreveram para o exame deste ano, segundo balanço preliminar do Inep. No ano passado, foram 6,7 milhões de inscritos. As provas serão realizadas nos dias 3 e 10 de novembro.



Foto: José Abirão

As manifestações do dia 15 de maio foram marcadas por várias bandeiras, mas a principal transcendia partidos e ideologias: a educação. Na imagem, um dos alunos que participava subiu na laje do abandonado e deteriorado Palácio da Cultura, na Praça Universitária, para pendurar a bandeira anti-fascista.



Foto: José Abirão

“Ação mulher!”: convoca este grafite na laje do Palácio da Cultura. O desenho ocupa a maior parte da alça direita da construção ao lado de outros tantos grafites de temáticas variadas.



Foto: José Abirão

Detalhe de um dos murais na parte de baixo do Palácio da Cultura. Ao seu redor, pichações e palavras de ordem que não foram feitas no dia da passeata, resquícios que marcaram a passagem de outros tantos protestos que sempre tiveram a Praça Universitária como palco.



Professor Alcir Horácio da Silva comemora com alunos os resultados

Foto: José Abrão

Cepae aprova 60% dos alunos no Sisu

A maior parte dos estudantes foram aprovados em Instituições Federais de Ensino Superior, principalmente na Universidade Federal de Goiás (UFG)

Luciana Porto

Ser aprovado em uma instituição de ensino superior, especialmente pública, é o sonho da maior parte dos estudantes. E essa foi a conquista dos alunos do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae), que teve uma aprovação de 62,4% dos matriculados no Ensino Médio pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), sendo a maioria em Institutos Federais (Ifes), dentre eles a própria UFG.

Além do alto índice de aprovação dos alunos no Sisu, o diretor do Cepae, Alcir Horácio da Silva, destaca que, pelo segundo ano consecutivo, a unidade é considerada a melhor escola pública do Estado de Goiás, e tem a média acima do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) nos anos iniciais e finais. “Temos um quadro de profissionais muito capacitado, mas os nossos alunos também são. Apesar de a forma de ingresso no Cepae ser sorteio público, o nível dos nossos estudantes é muito alto, eles realmente se dedicam”, explica.

A equipe de professores com dedicação exclusiva per-

mite que o Cepae fomente uma formação científica e social do estudante, e não apenas um ensino focado exclusivamente na aprovação do aluno no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Entre os projetos realizados pela unidade, Silva conta que existe o “Trabalho de Conclusão do Ensino Médio”, em que o aluno ao entrar no primeiro ano escolhe um determinado tema, e ao final do terceiro ano ele apresenta um trabalho para uma banca, assim como acontece nos cursos de graduação superior. “Nós tivemos um aluno, que também foi aprovado pelo Sisu, que o trabalho dele foi escolhido para o prêmio Jovens Cientistas e ele foi para a Inglaterra se apresentar”, conta o diretor.

Outra iniciativa desenvolvida pela unidade são as disciplinas optativas. No Cepae, os alunos podem esco-

lher dentre todas as áreas do conhecimento matérias flexíveis para complementar a formação curricular e promover o desenvolvimento científico. Além disso, o acompanhamento familiar é também um fator preponderante na formação dos estudantes da escola, segundo Silva. O diretor

explica que, ainda nos primeiros anos de ensino, a família do aluno é envolvida em todo o processo da educação. “Existem estudos que comprovam que quando o aluno está com problemas em casa, ele não vai bem na escola. Se o aluno já consegue

ser independente, isso é ótimo. Contudo, a família é um ponto muito importante no desenvolvimento escolar das crianças e adolescentes.”

Resultados

Sofia Carvalho Rocha, de 18 anos, foi uma das alunas aprovadas pelo Cepae no Sisu. A estudante, que agora cursa Relações Internacionais

na UFG, conta que entrou na unidade ainda no ensino fundamental, e que foi a única da família a estudar em escola pública. “Eu e meus primos sempre comparávamos o que estávamos aprendendo, e eu nunca senti que estava atrasada em relação a eles. Muito pelo contrário, a dinâmica do Cepae proporciona para nós alunos uma visão mais ampla do ensino, não estudamos apenas para passar no Enem. Aqui aprendemos a vida mesmo, o crescimento é pessoal”, disse.

Aluna da iniciação científica desde o ensino fundamental, Sofia explica que a unidade incentiva cada aluno a percorrer o caminho que deseja. No caso dela, as aulas de geopolítica e língua estrangeira foram as principais disciplinas que fizeram-na escolher o curso de Relações Internacionais ainda no segundo ano do Ensino Médio. “Seja de exatas, humanas ou biológicas, cada um encontra o seu espaço aqui no Cepae. As disciplinas optativas e demais outros projetos nos motivam muito e ajuda também na escolha da nossa profissão.”

“Aqui aprendemos a vida, é um crescimento pessoal”

Quadrilhas goianas crescem misturando tradição e novidades

Pesquisador da FCS acompanha as festas e os grupos de quadrilha competitivos de Goiânia

José Abrão

As festas juninas se expandiram, saindo das paróquias e indo para bairros, escolas e mesmo para festas pessoais apenas para convidados. “Eu tenho chamado pra discussão, inclusive existe um seminário da Confederação Brasileira das Entidades Juninas, que ano passado tivemos um debate em relação a isso lá em Brasília, sobre os vários setores em que a festa junina tem se encaixado”, conta Samuel Zaratim, doutorando em Performances Culturais pela Faculdade de Ciências Sociais da UFG.

Sob orientação da professora Izabela Tamasso, Zaratim pesquisa a festa junina desde o mestrado. “Existe aquela característica de tradição que o Brasil traz na execução da festa, mas vem sendo ressignificada, o movimento e a própria dança. A escola, por exemplo, em alguns momentos toca aquelas canções clássicas de festa junina e em outros a música da atualidade que a garotada gosta”, conta.

Os elementos se misturam nas festas e são ligados através de uma coerência estética. “Existem os elementos que compõem a festa junina tradicional. Quando falamos daquela festa da prefeitura que acontece ali no Mutirama, ela é bem fiel: traz as barraquinhas, bandeirolas, as quadrilhas; e temos o Arraiá do Cerrado que já é muito maior e vai para esse lado da espetacularização”, exemplifica.

Zaratim vê em sua pesquisa que as mudanças e misturas acontecem de forma orgânica. “Acho que a dinâmica da própria sociedade induz a essa incorporação de outros tipos de viés dentro da própria festa”, conta, “você percebe na culinária influência de outros tipos de cultura na festa junina: pé de moleque, pipoca, sempre vai ter, mas de repente você percebe uma pizza, um açaí, um yakissoba. Não podemos pensar de maneira alguma a tradição da festa junina cris-



Foto: José Abrão

Samuel Zaratim pesquisou em seu mestrado e agora no doutorado sobre a cultura das quadrilhas juninas

talizada lá no passado”.

Para ele, a tradição, hoje, está forte no próprio ato de fazer a festa: “está em reunir pessoas, fazer bandeirolas, isso de improviso mesmo, da cultura popular”. Outra mudança que o pesquisador percebe é no ponto religioso. Embora no imaginário popular elas sejam naturalmente festas religiosas, dependendo da festa, já não é comum ver um mastro de santo.

Quadrilha

O objeto de pesquisa de Zaratim são os grupos de quadrilhas juninas que avançam para outras etapas regionais e nacionais. São ressignificadas e mais espetaculares, afirma Samuel, porém a participação popular é estrondosa. “As pessoas vão para ver os grupos. Mas geralmente elas precisam de um elemento motivador a mais para ir, que são os shows. Essa é a espetacularização da festa, não tem como fugir disso. É uma tradição que é celebrada não apenas na esfera espetacu-

lar, mas religioso, comunitário, familiar”, afirma.

“A partir da pesquisa, a Federação das Quadrilhas Juninas de Goiás abriu as portas pra mim. Conversei com os grupos, com as lideranças, visitei todos”, conta, “hoje são 25 grupos filiados à federação na região metropolitana. É muita gente que participa”. A pedido deles, desde 2014 Samuel coordena o corpo de jurados e dá formação para os avaliadores. “Tem sido um trabalho crescente e bem criterioso. O rigor avaliativo que desenvolvemos resultou em um segundo lugar no Circuito Nacional de Quadrilhas Juninas em 2016 com o grupo Chapéu do Vovô e o primeiro lugar em 2017 com o grupo Arriba Saia”, conta, orgulhoso.

Os grupos já começam a se reunir e a planejar em setembro, porque há uma temática a ser desenvolvida. Final do ano começam a ensaiar. Em maio está tudo pronto. O volume de profissionais, participantes e dinheiro é muito grande: costureiros, maquiadores, ser-

ralheiros, músicos. Cada grupo tem no mínimo 12 casais dançando, mas tem grupos com 35, 40 casais. “Algumas pessoas não entendem essa quadrilha junina de competição como cultura popular, mas como produtos da indústria cultural”, comenta Samuel, “os grupos, mesmo ressignificados, imaginam que estão passando a tradição de geração em geração. Esses grupos são produtos sim, mas não fica amarrado só nisso, faz parte da manifestação da cultura popular. Se constrói uma culturalidade ali entre essas pessoas e nesses eventos. A tradição é dinâmica, vai se modificando.

Apesar da grande profissionalização, ele revela que os grupos não gostam de ser comparados com as escolas de samba, embora haja pontos em comum: “na minha pesquisa quando falo de espetacularização, preciso ir na evolução das escolas de samba, principalmente porque os próprios quesitos avaliativos das quadrilhas juninas seguem muito o que se faz nas escolas de samba”.

Professores e alunos de mobilizam em

Após assembleia lotada na UFG, atos reuniram

Luciana Porto e José Abrão

O Brasil tem 63 universidades federais, 38 institutos federais e, atualmente, cinco universidades federais em implementação, incluindo as federais de Jataí e de Catalão, em Goiás. São quase 1000 campi em todo o País com cerca de 2 milhões de estudantes. Por isto, é gravíssima a situação das instituições federais de educação superior - e mais ainda do Ensino Básico - frente aos cortes de 30% da verba das instituições feitos pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, seguido por cortes na educação básica e das bolsas de pós-graduação. No total, R\$ 5,8 bilhões foram contingenciados.

Ao longo de maio, o movimento estudantil, docente, sindical e civil se mobilizou contra os retrocessos do governo. Foi realizada no Centro de Eventos Prof. Ricardo Freua Bufaiçal, no Campus II, uma Assembleia Geral da UFG convocada pelo reitor Edward Madureira. Mais de 5 mil pessoas compareceram, sentando-se no chão ou ficando em pé após acabar com todas as cadeiras disponíveis. Compuseram a mesa o reitor, a vice-reitora Sandramara Chaves, o presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva; coordenador-geral do Sint-Ifesgo, Fernando Mota; Carlos Klein, da ANPG e a aluna Luciana representando o DCE.

“A presença maciça de docentes, técnicos, estudantes, não só de Goiânia mas das regionais, toda a universidade está representada aqui hoje”, destacou Edward em sua fala de abertura, “a esperança vem dessa energia, dessa vibração que contagia o ambiente. Estou profundamente emocionado”. “Precisamos primeiro mobilizar a universidade para depois chamarmos a sociedade em defesa da universidade”, disse Flávio Alves da Silva, em sua fala, chamando os colegas professores, alunos e técni-

cos a saírem da inércia do desmantelamento do ensino desde 2015, completando: “a situação não é normal, não tem nada normal”.

“Aprovaram a EC 95 falando que iam gerar mais emprego e não geraram; aprovaram a reforma trabalhista dizendo que iam gerar mais emprego e não geraram; agora disseram que vão aprovar a reforma da previdência para gerar mais emprego; falácia!”, declarou Flávio. O professor também destacou que nos últimos quatro anos o orçamento das universidades foi reduzido em mais de 50%. “Aí vem um ministro completamente despreparado que ao invés de defender mais recursos para a educação, promove cortes”, criticou, e estendeu sua fala ao governador Ronaldo Caiado com o desmonte da Fappeg. Segundo o reitor, as universidades têm recursos para funcionar até o final de agosto e o começo de outubro. “Vamos manter a universidade funcionando até o último dia possível. Acredito que isto não vai acontecer e a prova são essas mais de cinco mil pessoas aqui e não tenho dúvida de que vamos conseguir reverter isto”, finalizou.

Tsunami da Educação

No dia 15 de maio foram realizados atos em defesa da educação em todo o país. O ato unificado contra os cortes no setor feitos pelo Governo Federal e pelo MEC reuniu em Goiânia cerca de 25 mil pessoas entre estudantes, professores de todos os níveis da educação e servidores técnicos. Estiveram presentes várias entidades sindicais, movimentos sociais e estudantis, incluindo o Adufg-Sindicato, Sint-Ifesgo, CTB, Sintego, Sinpro, UNE, ANPG, UBES, entre outros. “O ato de hoje mobilizou todos os profissionais da educação no Estado de Goiás

e a comunidade em geral que defendeu a educação brasileira que está sob ataque do governo que realizou cortes em cima de cortes não apenas na Educação Superior, mas na Educação Básica também”, declarou o presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva, “cabe a nós defender e lutar contra esse contingenciamento. A sociedade tem que se juntar a nós, pois ela utiliza a educação pública”. “É uma situação lamentável: temos um ministro da Educação que defende cortes na educação ao invés de recursos para a área”, disse Silva.

Também estiveram presentes os diretores do Adufg, Daniel Christino, João Batista de Deus, Ana Christina Kratz e Geovana Reis. “Estou emocionada com esse ato. Há muito tempo que a gente não via essa Praça Universitária lotada do jeito que ela está. É realmente um levante contra essa política de desmonte”, disse Reis, “o governo recebeu hoje uma resposta à altura”.

“Estamos aqui a partir de uma conclamação nacional em defesa da ciência brasileira”, disse o professor Leandro Gonçalves Oliveira, do ICB. “O Bolsonaro é uma pessoa que não tem preparo nenhum para ocupar o cargo, ele não tem respeito pelo País. É lamentável essa situação. Parabéns a todas as centrais sindicais, frentes de trabalho coletivo que estão mobilizadas em defesa deste movimento nacional”.

Além dos estudantes, o evento contou com a presença maciça de professores, entre eles Paulo de Marco, do departamento de Ecologia do ICB, que resolveu dar aula para os seus alunos na Praça Universitária: “nós precisamos nos mobilizar, dar as aulas, mostrar para a sociedade o que a gente faz. Não devemos parar de dar aula, de-

vemos dar aula o tempo todo, em todo lugar. Temos que inundar essa cidade de educação e é isso que a gente vai fazer”.

“Estamos aqui para resistir contra esse sequestro do ensino superior brasileiro público que foi realmente sequestrado quando o presidente e seu ministro apresentam como proposta de resgate a aprovação da reforma da previdência”, declarou o professor Jamesson Buarque de Souza, “defendemos do movimento universidade popular para que a universidade nesse contexto repense para que ela serve, para quem ela existe, para que parte da sociedade ela trabalha”.

“O que vai virar do Brasil inteiro? O risco é muito grande, quem está perdendo são os pobres, os pretos, as mulheres. Em todas as circunstâncias esse governo está deslegitimando tudo o que nós conquistamos desde 1988”, disse a professora da EMAC, Maria Ângela Pinheiro Machado. Os alunos participaram em peso. “Temos a presença de estudantes de diversas escolas e universidades públicas com o objetivo de lutar e mostrar para esse governo a nossa insatisfação com o corte de verbas destinadas à educação pública”, disse Letícia Scalabrini, coordenadora-geral do DCE da UFG, “nossas universidades são referência em pesquisa, extensão e ensino, nada justifica deixar de investir na educação e atacar os estudantes que estão lutando pelo futuro do Brasil e pelo desenvolvimento do nosso povo”. Outra universitária que fez coro foi Raísa Vieira, representando a ANPG e a APG: “aqui temos muitos pós-graduandos de diferentes áreas para dizer ao Bolsonaro que não vamos aceitar os cortes das bolsas de pesquisa. São cerca de 7 mil bolsas cortadas o que significa 7 mil desempregados que se somam aos 13 milhões sem emprego no País”.

todos os segmentos se defesa da Educação

50 mil pessoas em todo o Estado de Goiás

Veja os melhores momentos do ato unificado em defesa da educação pública e de qualidade



Fotos: José Abrão / Luciana Porto / Jean Souza



Projeto leva conhecimento para pacientes com câncer

Iniciativa criada em 2017 permite que alunos das mais diversas unidades da Universidade Federal de Goiás auxiliem pacientes do Hospital Araújo Jorge com os conteúdos escolares

Foto: Luciana Porto



Professor Emiliano Godoi idealizou projeto que leva mais do que conhecimento aos pacientes do Araújo Jorge

Luciana Porto

Brincar com os amigos e ir à escola são tarefas comuns na rotina de uma criança saudável, realidade muito distante para os pacientes em tratamento no Hospital Araújo Jorge. De um leito hospitalar, pode ser difícil manter os estudos em dia e acompanhar o restante da turma e, por isso, o projeto “Ensinando para Aprender” leva o aprendizado até as crianças e adolescentes que lutam contra o câncer. Criada em 2017, a iniciativa conta com a participação voluntária de alunos de diversos cursos e áreas do conhecimento da Universidade Federal de Goiás – UFG.

O projeto idealizado pelo professor da Escola de Engenharia Civil e Ambiental (EECA) e diretor de extensão da UFG, Emiliano Godoi, começou de maneira informal e tímida. Ele conta que antes de envolver os seus alunos, ele realizava junto com um amigo algumas visitas ao hospital, mas

sempre teve o desejo de expandir a ideia. “Um dia eu estava conversando com a mãe de um dos pacientes e ela me relatou que, além do processo doloroso do enfrentamento do câncer, ainda havia a questão da perda de aulas. Foi então que tivemos a ideia de pegar o conteúdo programático das disciplinas e ensinar os pacientes”, lembra.

Godoi explica que, a princípio, a ideia era ter apenas dois alunos da UFG ministrando essas aulas para os pacientes, porém doze discentes da EECA se interessaram e iniciaram o projeto. Hoje, 84 alunos das mais diversas unidades acadêmicas da universidade compõem a equipe. “O projeto é totalmente voluntário, o aluno não recebe bolsa ou horas complementares, é realmente uma doação do tempo e conhecimento. A melhor parte disso é que a gente acha que está ensinando para as crianças, mas na verda-

de nós que estamos aprendendo com elas, por isso o nome do projeto. Além disso, é uma forma dos nossos alunos retribuírem também o ensino que eles recebem gratuitamente e de qualidade da UFG”, comenta Godoi.

Acessibilidade

O tratamento invasivo e debilitador é – talvez – o maior desafio na vida dos pacientes com câncer, por isso nem sempre as crianças e adolescentes que estão nessa situação se sentem dispostos para estudar. Neste caso, Godoi relata que apenas a companhia já faz toda diferença. “Quando nossos alunos chegam, primeiro observam se o paciente está bem de saúde para ter aula. Se estiver, o momento do ensino deve ser prazeroso, e por isso os monitores usam a rotina dos próprios pacientes para ensinarem a disciplina. Por exemplo, ensinamos a química utilizando os me-

dicamentos que eles recebem, a regra de três na matemática com o conta gotas do soro fisiológico, as posições geográficas pelo nascer ou pôr do sol na janela do leito, a história falando de quem foi o Araújo Jorge. Buscamos sempre uma linguagem acessível dentro da realidade que os pacientes vivem, é uma construção coletiva”, pontua.

Para quem está do outro lado também é doloroso, afirma Godoi. O idealizador do “Ensinando para Aprender” acrescenta que antes de ingressarem no projeto os alunos da universidade passam por uma capacitação. De acordo com o docente, durante uma semana os voluntários ficam imersos em um curso em que aprendem as formas mais adequadas de abordagem dos pacientes, as questões de segurança hospitalar e também uma preparação emocional e psicológica.

Inspiração

Mais do que ensinar, Godoi argumenta que o principal é a esperança que os pacientes enxergam com o projeto. Ele lembra que um dos primeiros alunos da UFG que entraram para a equipe fez tratamento contra o câncer por meio do Araújo Jorge, e que esses pacientes sonham com o dia em que serão eles os alunos de uma universidade. “A formação que entregamos para os nossos discentes não é apenas acadêmica, é humana, é cidadã, é crescimento pessoal. Depois do projeto, passamos a encarar de outra forma os nossos problemas, superamos mais facilmente questões do nosso dia-a-dia que são pequenas diante tudo isso, aprendemos com os pacientes que a vida vale muito”, completa.

FarmaTec terá nova sede no Parque Tecnológico

Laboratório que está sendo construído com recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) deve ser entregue até o final deste ano

Foto: Luciana Porto



Eliana Martins coordena o laboratório e a transição

Foto: Divulgação



Foto aérea do novo Farmatec no Parque Tecnológico

Luciana Porto

Premiado e reconhecido internacionalmente pelo desenvolvimento científico e inovação tecnológica em fármacos, medicamentos e cosméticos, o Centro de Pesquisas FarmaTec da Universidade Federal de Goiás (UFG) deve ganhar nova sede até o final deste ano. A unidade, que foi inaugurada no final da década de 1990, tem como carro-chefe a aplicação da nanotecnologia para melhoria dos medicamentos de alta complexidade.

Para a nova unidade que está sendo construída no Parque Tecnológico Samambaia, o Farmatec recebeu recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). A conquista aconteceu por meio da docente e coordenadora da unidade Eliana Martins Lima, que ainda em 2012 apresentou ao MCT os projetos desenvolvidos pelo laboratório e a demanda por uma maior estrutura para ampliar o alcance das atividades do grupo. Segundo Eliana, a verba foi aprovada ainda em 2012 mas os trâmites na universidade permitiram o início da obra apenas

no final de 2017. “O prédio onde estamos é antigo, é uma construção da década de 1960 anexa ao museu antropológico, parte da antiga Faculdade de Farmácia. Não comporta mais o trabalho que estamos realizando”, pontua a coordenadora.

Com mais de dois mil metros quadrados, o novo Centro de Pesquisas deve proporcionar mais do que a continuidade do trabalho que já vem sendo realizado pelo grupo há quase 30 anos. De acordo com Eliana, o projeto prevê ambientes totalmente adaptados de acordo com as necessidades da equipe, e não esbarram em alguns obstáculos estruturais encontrados na unidade atual e que prejudicam o desenvolvimento das pesquisas. “Hoje eu não consigo ir para casa com a consciência tranquila de que vou chegar no dia seguinte e os equipamentos estarão em perfeito estado, assim como os deixamos. A infraestrutura do prédio é precária, a rede elétrica não suporta os equipamentos e quando está chovendo diferentes pontos do prédio são alagados”, lamenta.

Outro importante passo que o FarmaTec pode dar em breve com a construção da nova sede é viabilizar a produção de pequenos lotes de produtos para pesquisas com seres humanos, conforme as normas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Isso porque para promover qualquer teste em pessoas é necessário que o laboratório siga padrões estruturais, de qualidade e de segurança previstos pelo órgão regulador. “Com o nosso atual laboratório, se desenvolvermos um determinado produto que esteja apto para ser testado em humanos, nós não podemos seguir com a pesquisa. Em nosso novo laboratório nós teremos o que é chamado de “sala limpa”, e seremos o primeiro centro de pesquisa em universidade no Brasil a possuir essa estrutura, parte dos requisitos necessários para testes clínicos em humanos. Eu me sinto realizada, após tantos anos nesta universidade, deixar uma contribuição não apenas acadêmica, mas um ambiente de pesquisa moderno e funcional para o trabalho e formação de jovens cientistas”.

Ultra Tecnologia

Eliana conta que, inicialmente, o FarmaTec tinha uma estrutura voltada para o desenvolvimento de fórmulas convencionais mais usadas pelas indústrias farmacêuticas. Entretanto, a partir dos anos 2000, a unidade passou por uma reforma e alguns equipamentos mais sofisticados foram adquiridos, permitindo a expansão da atuação das pesquisas. Em 2006, nova ampliação física viabilizou a instalação do Laboratório de Farmacologia e Toxicologia Celular, atualmente chamado de Laboratório de Ensino e Pesquisa em Toxicologia in vitro, coordenado pela docente Marize Valadares. Para com Eliana, uma das linhas de pesquisa de maior impacto do grupo é a inovação em formulações de medicamentos por meio da nanotecnologia, que coloca a UFG entre os principais centros de ciência dessa área. Além disso, o novo FarmaTec também será o centro nucleador das pesquisas em nanomedicina da universidade, reunindo equipamentos multiusuários com financiamento já aprovado.

“Hoje a indústria farmacêutica tem um grande arsenal de moléculas com eficiência comprovada, porém grande parte desses medicamentos - principalmente para doenças crônicas - provoca importantes reações adversas ao organismo. Por exemplo, as doses dos medicamentos que atuam contra as patologias ligadas ao sistema nervoso central, como o Parkinson e o Alzheimer, devem ser altíssimas para que a quantidade terapêutica necessária chegue ao cérebro, ocasionando muitos efeitos colaterais indesejáveis. Isso acontece porque temos uma barreira de defesa em nosso cérebro que não permite que substâncias alcancem facilmente o sistema nervoso central. A nanotecnologia pode abrir novas possibilidades para esses tratamentos, é um trabalho de longa duração e um dos que estamos desenvolvendo aqui na universidade”, explica.

Universidade aposta em disciplina para felicidade

Luciana Porto

Uma pesquisa realizada pela Universidade do Texas e divulgada no ano passado pela Revista Nature Biotechnology apontou que estudantes de pós-graduação têm seis vezes mais chance de enfrentar depressão e ansiedade. De acordo com o estudo norte-americano, em que foram entrevistadas mais de 2.200 pessoas de 26 países, sendo 90% deles alunos de doutorado, e o restante de mestrado, 41% e 39% dos estudantes apresentaram sinais de ansiedade e depressão, respectivamente, de nível moderado ou grave. Na população em geral, esse índice é de 6%.

No Brasil, o assunto ainda é pouco explorado. Apesar disso, o tema ganhou mais visibilidade após um estudante de doutorado da Universidade de São Paulo – USP cometer suicídio em 2017. Este ano, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás (UFG) disponibilizou para os estudantes a disciplina Felicidade, ministrada pela docente da Faculdade de Medicina Erika Aparecida da Silveira.

De acordo com Erika, a proposta da disciplina vai ao encontro com o conceito da psicologia positiva, um campo desta área que estuda como pessoas comuns podem se tornar mais felizes e satisfeitas. Orientadora do PPG-Ciências da Saúde desde o ano de 2008, a docente conta que durante todo esse tempo observou estudantes depressivos, ansiosos, desmotivados ou mesmo à beira do desespero em ocasiões de defesa de dissertação. “Esse processo todo me preocupava muito, eu sentia que precisava encontrar uma forma de ajudar os nossos alunos. Por isso, estudei bastante sobre o tema, li alguns livros da psicologia positiva e assisti documentários para que eu pudesse ministrar essa dis-

Iniciativa desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás (UFG) tem como objetivo prevenir depressão e ansiedade em alunos de mestrado e doutorado

Foto: Thamires Vieira



Erika Aparecida desenvolveu disciplina para pós-graduandos da UFG

ciplina”, explica.

Erika comenta que por muitos anos os cientistas se dedicaram aos estudos sobre a saúde mental, e que mais recentemente se começou a falar sobre a felicidade e o motivo de algumas pessoas serem mais felizes do que outras. Ela explica que essas pesquisas apontaram que apenas 10% das causas externas são responsáveis pelo sentimento de tristeza,

ou seja, ser feliz depende 90% da própria pessoa. “Temos o costume de colocar a felicidade como algo inatingível ou como recompensa de uma jornada, como por exemplo o término da pós-graduação. A nossa cultura condiciona a felicidade ao sucesso, é como se para ser feliz é preciso terminar àquele o curso, ou comprar àquela casa, àquela carro, uma roupa nova. E essa não

é a realidade, muito pelo contrário, para conquistarmos tudo isso primeiro precisamos estar bem”, argumenta a docente.

“O Jeito Harvard de Ser Feliz” é um dos livros em que a professora se baseou para construir a didática da disciplina Felicidade. De autoria de Shawn Achor, a obra relata o comportamento dos alunos da maior universidade do mundo, que ao serem aceitos se sentiam felizes, porém no decorrer do curso entravam em um processo depressivo e ansioso. Isso, de acordo com Erika, acontece porque os estudantes deixam de refletir que estão em Harvard e passam a enxergar somente as dificuldades de cada disciplina, realidade não muito distante dos alunos de pós-graduação da UFG. “Eles tendem a se isolar socialmente, se dividem entre o trabalho e estudos. Fazer um mestrado requer muita dedicação? Sim! Mas isso não significa que o estudante tem de se isolar socialmente, porque quanto mais alheio mais estressado e ansioso ele vai ficar. É importante sair com os amigos, almoçar com a família, praticar o esporte favorito e fazer outras atividades que dão prazer.”

Erika conta que alguns dos alunos matriculados procuraram a disciplina porque já não se sentem bem. Ela comenta que durante as aulas, os participantes se envolvem em dinâmicas que promovem a reflexão sobre o que é a felicidade e o que faz cada um se sentir feliz.

Não é autoajuda, eu como pesquisadora e cientista não acredito nisso. Trabalhamos com pesquisas que são comprovadas e que apontam algumas questões como importantes nesse processo, como por exemplo a religiosidade e espiritualidade, o convívio social e familiar, as formas como lidamos com as adversidades diárias da vida”, finaliza.

Completada a Travessia

Grupo de aposentados do Adufg-Sindicato faz nove anos e se despede da sua fundadora, a professora Jane Sarques, que deixa a coordenação do projeto

Foto: Luciana Porto



Jane Sarques comemorou com os membros pioneiros do grupo Travessia. Despedida foi regada a muita emoção, amizade e companheirismo

Luciana Porto

“Eu havia acabado de me aposentar. Certo dia fui ao sindicato resolver algumas coisas pessoais e aproveitei a oportunidade para perguntar à secretária se havia algo em que eu poderia contribuir. Eu passava muito tempo em casa, não suportava mais aquela situação. Então ela ficou de conversar com o presidente, que à época era o professor Fernando Pereira dos Santos, e me dar um retorno. Quando me reuni com o Fernando, ele pediu para que eu construísse um projeto e apresentasse, e aí escrevi uma carta para os professores aposentados propondo um encontro entre nós para reviver os momentos da ativa e fazer novas amizades. Marcamos a reunião e compareceram vários ex-colegas de profissão, então começamos a pensar em atividades interessantes para praticarmos juntos, surgiram várias ideias mas o desejo de viajar era absoluto pela maioria.”

A história aconteceu há nove anos, quando a professora Jane Sarques fundou o Grupo de aposentados Travessia, do Adufg-Sindicato. O grupo leva o nome da música de Milton Nascimento, cuja letra fala do desejo de viver e realizar sonhos. Em maio, o projeto fez

aniversário e comemorou com um jantar dançante, reunindo cerca de 70 pessoas no Espaço Cultural, de Lazer e Saúde. O evento também foi uma despedida para a aposentada, que dedicou quase uma década da sua vida levando alegria e diversão para outras pessoas, e agora deixa a coordenação do Travessia – que será assumida pela diretora de Convênios e de Assuntos Jurídicos, Ana Christina Kratz. “O meu filho mais velho me disse que o Travessia foi a melhor coisa que aconteceu na minha maturidade. Para todos nós, esses nove anos têm feito da nossa aposentadoria um estágio de vida ativo, realizador, de momentos alegres e amizades carinhosas”, destaca Jane.

A professora Jane diz que a princípio o grupo se reunia duas vezes por mês, além de comemorar os aniversários dos integrantes em bons restaurantes da capital a cada dois meses. Depois, a rotina passou a ser de uma reunião de planejamento e um happy-hour mensais, comemorando os aniversários no Espaço Cultural, de Lazer e Saúde do Adufg-Sindicato. “A nossa primeira viagem foi para a Chapada dos Veadeiros e Alto Paraíso. A maioria de nós não conhecia nada da região, caminha-

mos por trilhas, nos aventuramos pelo Vale da Lua, São Jorge, Rio das Mortes, além de Alto Paraíso. Voltamos com as forças renovadas”, lembra Jane.

O grupo foi se consolidando. A professora explica que juntos os membros foram traçando roteiros para as viagens, sendo sempre no primeiro semestre dentro do Brasil e, no segundo, para o exterior. A primeira viagem internacional do grupo foi para a Europa, em 2011. Os docentes aposentados passaram pela Espanha, Sul da França (Lourdes, Nice), Mônaco, Itália, Paris e Suíça. No ano seguinte, o grupo realizou uma excursão pelos Lagos Andinos, partindo de Santiago, fazendo à barco a travessia dos lagos junto à Cordilheira dos Andes até Bariloche e depois Buenos Aires. Seguindo nos anos posteriores para a Capadócia, Londres, Viena, Budapeste, Bratislava e Braga. Conheceram a cultura, gastronomia, idiomas e a história de cada lugar. E ano após ano os aposentados desfrutaram das viagens internacionais e nacionais, comprovando que a vida começa na terceira idade.

A partir de 2016, Jane deixou de acompanhar o grupo nas viagens. A mobilidade reduzida e

a saúde já abalada obrigaram-na a diminuir um pouco das suas atividades com o grupo, momento em que ela passou a se dedicar mais às artes. Com talento primordial para a pintura, Jane coloca em suas obras as suas principais paixões, e considera cada uma delas única. “Eu amo gatos. Você pode reparar que todos os meus quadros tem um gatinho ou um detalhe que lembra eles”, brinca.

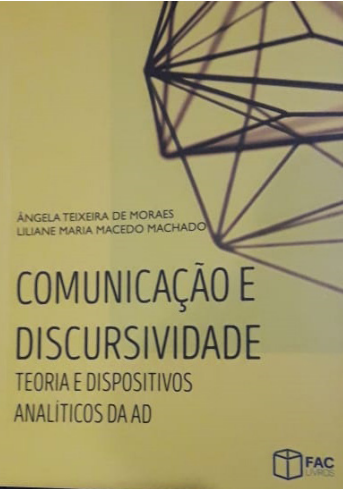
Mais do que viagens e lazer, o Travessia também promoveu cultura. Em 2011, o grupo realizou a primeira edição da Exposição de Arte e Artesanato dos Professores Aposentados da Universidade Federal de Goiás (UFG), que chega aos seus nove eventos em 2019. Dois anos depois, veio o primeiro Sarau. Além disso, o grupo ofereceu curso básico de computação, fotografia, desenho e pintura (que segue há quatro anos formando novos artistas e artesãos). “Tenho certeza que a Kratz vai levar isso de uma forma muito majestosa, porque é uma mulher forte e de coragem. Continuarei como membro do grupo até quando Deus me permitir, e com a nova gestão desejo ainda mais harmonia, multiplicação de amigos e estreitamento dos laços de amizade, objetivos que nos guiaram até agora”, finalizou.

Comunicação e Discursividade: teoria e dispositivos analíticos da AD

Ângela Teixeira de Moraes e Liliane Maria Macedo Machado

Editora UnB/ 184 páginas

Fruto de uma pesquisa de pós-doutorado, Comunicação e Discursividade tem como tema central a análise do discurso e é destinado a professores de metodologia científica e estudantes que pretendem desenvolver pesquisas em análise de discurso aplicada à comunicação. Ele surgiu a partir



da necessidade encontrada pelas pesquisadoras de desenvolver um trabalho sobre o método menos focado na linguística e mais voltado para a área da comunicação e do jornalismo: “preferi fazer um mapeamento e uma aplicação de alguns conceitos e dispositivos da AD que são mais

adequados à nossa área, declarou Ângela. O trabalho foi conduzido da seguinte forma: “eu acessei os depositórios de dissertações e teses que usavam a análise do discurso como método em vários programas de pós-graduação em comunicação e assim cheguei a um grupo de autores que são mais citados”, conta a professora, “a partir daí eu elenquei os dispositivos teórico-analíticos que esses autores utilizavam e que são mais profícuos em análise de textos da comunicação”.



Professor, divulgue o seu livro!

O Jornal do Professor tem este espaço para que você possa divulgar sua pesquisa e publicações científicas. Se você possui algum livro publicado no ano passado ou este ano ou senão relançado ou reeditado recentemente, ele pode ser divulgado em nosso jornal. Basta enviar para o e-mail jornaldoprofessor.adufg@gmail.com uma imagem da capa e informações básicas como título, nome dos autores, editora e número de páginas.



Metodologia de ensino para altas habilidades/ superdotação na educação básica: pesquisas bibliográficas

Wanderley Alves dos Santos

Editora UFG/ 97 páginas

O livro traz capítulos de trabalhos produzidos na disciplina Metodologias de Ensino para Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica, do Mestrado Profissional em Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. As produções são de profissionais de diversas áreas que trabalham na educação básica e conhecem os desafios da atuação com alunos desse público. Os capítulos desta obra visam introduzir o leitor ao tema e discutem a importância do desenvolvimento do potencial criativo dos estudantes.



Tráfico de Pessoas e Mobilidade Humana

Leal, Maria Lúcia

Editora UnB/ 196 páginas

A coletânea de artigos incorporados à obra Tráfico de pessoas e mobilidade humana foi resultado de esforço multilateral, construído por intermédio de trabalhos de valorização da temática, viabilizado pelo Ceam/UnB e pela Editora Universidade de Brasília. As abordagens trazidas permitem atualizar conceitos e aprofundar discussões relativas aos avanços e aos desafios das políticas migratórias e de enfrentamento ao tráfico de pessoas. Elaborado por membros de uma rede composta por instituições governamentais, academia e sociedade civil organizada, o material de pesquisa fica disponível aos interessados nas discussões e iniciativas pelo fim das violações aos direitos humanos. HÉDEL DE ANDRADE TORRES Mestre em Direito das Relações Internacionais e Especialista em Direitos Humanos com enfoque em Tráfico de Pessoas.

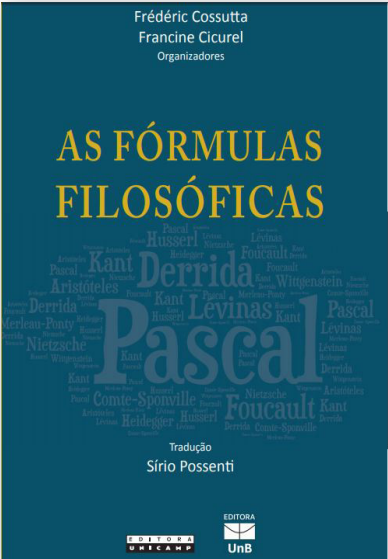


As Fórmulas Filosóficas

Cossutta, Frédéric , Cicurel, Francine

Editora UNB/ 304 páginas

Todos conhecemos e usamos frases como A religião é o ópio do povo; Penso, logo existo; O inferno são os outros; O homem é o lobo do homem. Essas frases são fórmulas losó cas, enunciados destacados de seu lugar de produção, que circulam no espaço e no tempo, sendo reinscritos em práticas e textos diversos. É dessas fórmulas que trata este livro, magni camente traduzido por Sírio Possenti. Nele analisam-se a natureza, as formas e as funções discursivas desses enunciados, que realizam uma condensação de uma doutrina. Este é um livro indispensável para os estudiosos da linguagem e da loso a. Para os primeiros, porque essas fórmulas têm relação com outros gêneros breves e seu estudo desvela os mecanismos enunciativos de produção desses enunciados e seu papel no discurso; para os segundos, porque a análise das fórmulas mostra, de um lado, sua função na transmissão losó ca e, de outro, sua ação na própria elaboração dos discursos filosóficos.



Deputado federal delegado Waldir ataca professores e estudantes

Durante audiência pública realizada na Câmara dos Deputados no dia 22 de maio, em Brasília, com a participação do ministro da Educação Abraham Weintraub, os parlamentares da base governista protagonizaram cenas lamentáveis. O ministro esteve na Câmara para fornecer informações e se explicar sobre os recentes cortes divulgados pelo Ministério da Educação.

O tumulto teve início quando o ministro e a bancada da base governista se recusaram a ouvir os representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Os presentes tiveram uma atitude antidemocrática. Parlamentares do governo protagonizaram uma confusão e usaram da força física para impedir que os estudantes se manifestassem. Um vídeo gravado pelo presidente do Adufg-Sindicato, professor Flávio Alves mostra que os parlamentares gritam e empurram estudantes, em uma clara tentativa de silenciar o grupo que será

mais afetado pelas decisões de contingenciamento do Ministério da Educação.

O professor entrou em um embate com o parlamentar ao defender a comunidade acadêmica. “Isso delegado, vou mostrar para Goiás como o senhor trata os estudantes”. Neste momento, o deputado demonstra total descontrole emocional, bate palmas e chama os alunos de maconeiros e petistas. Em resposta, Flávio destaca que é professor e que todos merecem respeito. “Isso é um absurdo. Essa casa é do povo, estamos em um ambiente democrático. A população elege seus representantes para lutarem em prol das suas causas. Viemos para tratar da Educação e um deputado se comporta desta maneira. Vamos esperar mais o que?”

No dia 29 de maio, durante Assembleia Geral do Adufg-Sindicato, que aconteceu no Salão Nobre da Faculdade de Direito da UFG, os docentes decidiram publicar moção em solidariedade aos profissionais da universidade, estudantes e ao professor Flávio.

Adufg compõe conselho que visa segurança e Direitos Humanos na UFG

A cerimônia de implementação do Conselho Permanente de Acompanhamento da Promoção de Segurança e Direitos Humanos da UFG aconteceu no dia 23 de maio, no auditório da Biblioteca Central do Campus Samambaia. A mesa foi presidida pelo reitor, Edward Madureira Brasil, e teve em sua composição o diretor presidente do Adufg-Sindicato, Flávio Alves da Silva, e o coordenador geral do Sint-Ifesgo, Fernando Mota.

Também participaram da solenidade o secretário da Promoção de Segurança e Direitos Humanos da UFG, professor Ricardo Barbosa de Lima; a vice-presidente da comissão de Direitos Humanos da PM-GO, subtenente Viviane Lúcia de Oliveira e pelo superintendente da PRF-GO, Álvaro de Rezende Filho e a representante do DCE. Entre os conselheiros que tomaram posse está o diretor de Promoções Sociais, Culturais e Científicas do Adufg-Sindicato, professor Daniel Christino.

Foto: José Abrão



Solenidade de implementação reuniu autoridades da UFG

Audiência pública debate o contingenciamento de gastos na Educação

A Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Públicas promoveu, no dia 28 de maio, uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás (Alego). A mesa foi presidida pelo deputado estadual Antônio Gomide e teve a presença do deputado federal Rubens Ottoni, dos reitores do IFG, Jerônimo Rodrigues, do IF Goiano, Vicente Pereira, e da UFG, Edward Madureira, além dos parlamentares estaduais Leda Borges, Hélio de Sousa e Coronel Adailton.

Os reitores apresentaram brevemente os dados atualizados de suas instituições, como cresceram, e como todas elas irão fechar as portas sem a verba

de custeio contida pelo MEC. Diretores, professores e vereadores, principalmente do interior, estiveram presentes e usaram da palavra para dizer como os institutos de educação superior mudaram suas vidas e as vidas das cidades de onde vieram, não apenas no nível educacional, mas econômico.

“Nós entendemos que o Poder Legislativo precisa cumprir o seu papel de debate, de mobilização e levar essa mensagem para a sociedade junto com o que a própria universidade já está fazendo, sabemos do trabalho feito a nível federal e conhecemos a importância dele aqui no nosso Estado”, disse o deputado Gomide.

Foto: Jean Souza



Reunião discutiu situação das universidades públicas em Goiás

Crescendo com as tradições

O professor Sebastião Rios se apaixonou pela cultura popular ainda criança e levou esse amor para a vida



Foto: Luciana Porto

Luciana Porto

As férias sempre tiveram um brilho a mais na infância de Sebastião Rios. Nascido e criado em Brasília, quando criança ele passava as férias na casa da avó - no Sul de Minas Gerais - e lá participava de tradicionais manifestações folclórico-religiosas, como a Folia de Reis e o Congado. Essa bagagem cultural desde cedo despertou-lhe o interesse pelas manifestações populares, inserindo Sebastião exatamente aonde está hoje. Professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), o docente desenvolve pesquisas na área de cultura popular e outros elementos da literatura, música e história brasileira.

Durante muitos anos, os foliões pernoitavam na casa dos avós do professor. A música, a dança e o “Bastião” (personagem da festa que usa roupas coloridas para abrir passagem para a Folia) reluziram os olhos do menino. “Onde eu morava não tinha nada parecido, e na casa da minha avó essas festas vinham até mim. Hoje eu posso dizer que pesquisar essas tradições é a minha área consistente de interesse, tanto que a minha editora de livros (em parceria com a pesquisadora Talita Viana) se chama Bastião, foi uma homenagem. Ficou fácil, não é? Se-

bastião e Bastião”, brinca. “Essa editora está também associada ao trabalho que realizamos aqui na UFG, divulgamos as nossas pesquisas por meio dela”, completa.

O segundo de quatro irmãos, Sebastião conta que sempre recebeu bastante incentivo dos pais para estudar. Em casa, teve o exemplo do pai, aposentado como Juiz e docente da UnB, e da mãe, professora da rede básica e doutorada em Educação. Graduado em História pela Universidade de Brasília (UnB), Sebastião passou um período entre a faculdade e o mestrado em Literatura estudando na Alemanha, aperfeiçoando a conversação do idioma que já estudava desde 1985. Depois, ele partiu para o doutorado sanduíche em Sociologia, feito entre a UnB e Universidade de Innsbruck, na Áustria. “Apesar de ter tido meus pais como exemplo, acho que vim para o universo da docência por causa da pesquisa. Gosto de estar em contato com as gerações mais novas, mas gosto principalmente de trazer os jovens para a extensão e para o trabalho de campo”, conta.

Extensão

No último ano da graduação, Sebastião já era professor do ensino básico, ministrando aulas de História para alunos da quinta, sexta, sé-

tima e oitava série. Depois de formado, adentrou às salas de aula de nível superior em unidades privadas de ensino com a disciplina História de Arte. A sua trajetória na Universidade Federal de Goiás (UFG) iniciou-se na extinta Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, que fora desmembrada colocando Sebastião como docente da Faculdade de Ciências Sociais. Pelo menos metade dos alunos da instituição já passou pelas mãos do professor, uma vez que o primeiro contato dos universitários com a sociologia acontece com ele. Hoje, Sebastião está alocado no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, aonde encontrou ainda mais espaço para o desenvolvimento do seu trabalho na área da cultura popular.

Autor de dezenas de livros, Sebastião comenta que suas primeiras publicações estavam relacionadas com a literatura e sociedade, mais voltadas para Machado de Assis – foco do seu doutorado. As tradições e festas populares entraram no eixo a partir do ano de 2005, que promoveram também o intercâmbio cultural do docente em outros países para desenvolvimento de novas pesquisas e abriram as portas para importantes projetos no cenário nacional. “Tentamos sair também dos muros da universidade. Por exem-

plo, o projeto ‘Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho’ que realizamos em parceria com a UnB, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina (CRESPIAL). Foi uma experiência incrível! Trabalhamos muito com fotografia, áudio, vídeo porque entregar um livro sobre as Congadas para o Tonho somente com texto seria frustrante, porque ele não é alfabetizado. Ele é uma pessoa que entende demais, perto dele percebemos que não sabemos de nada. Ele se sentiu representado por este material que fizemos.”

Família

A busca incessante pelo conhecimento rendeu mais do que frutos profissionais a Sebastião. Durante o seu período pela Europa, o docente conheceu e casou-se com a mãe das suas três filhas (com quem não está mais casado). O trio mora atualmente na Alemanha e na Áustria. “Elas não seguiram o mesmo caminho que o meu, cada uma tem um talento especial, acho pouco provável que sigam a carreira acadêmica. A minha filha mais velha cursou literatura, mas a paixão verdadeira dela é a arte. Ela é poeta, dançarina, coreógrafa, música, dramaturga e tudo que envolver arte. A mais nova está cursando estudos sociais, musicoterapia e toca violoncelo na orquestra da faculdade. E a minha filha do meio aborreceu-se com o curso de psicologia, e agora está de licença maternidade, já sou vovô! Estive lá em julho do ano passado, e devo voltar agora somente no ano que vem para associar com compromissos profissionais. Ministro as minhas palestras, os meus cursos e aproveito para matar a saudade delas”, conta.

Entre uma pesquisa e outra, Sebastião gosta de se dedicar a alguns hobbies pessoais, como a viola caipira e violão, atividades em que costuma também participar de oficinas de música e danças populares; ao futebol e também à pescaria. “Gosto muito de me desligar um pouco da rotina diária e das tecnologias, me conectar com a natureza. Sabe acampar onde não pega nem o telefone celular?”, acrescenta.